

O QUE É INCLUSÃO/INCLUIR? CONCEITOS E PRECEITOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Camila Simone da Silva^{1*} (IC), Everton Bedin¹ (PQ)(FM) camilasilvaquimica@gmail.com

¹Universidade Luterana do Brasil, Ulbra, Avenida Farroupilha, 8001, Bairro: São José, Canoas-RS, CEP: 92425-900

Palavras-chave: Inclusão, Ensino de Química, Formação de Professores.

Área temática: Inclusão

Resumo: O presente trabalho, além de tratar do conceito de inclusão significativamente, reflete como o ato de incluir efetivamente precisa ser significado na formação inicial de professores, abordando um estudo sobre as concepções de alunos da Educação Básica e da Educação Superior, mostrando as diferentes perspectivas e o quão restritas são as visões dos futuros professores referentes à inclusão escolar. Os dados, coletados por meio da aplicação de um questionário idêntico na Educação Básica e na Educação Superior, foram interpretados à luz de teóricos e expressos por meio do programa Statistical Package for the Social Sciences for Windows. Ao término, percebeu-se a necessidade de uma formação docente mais centrada ao ato de incluir e mais significativa aos conceitos e preceitos de inclusão, pois os sujeitos não possuem elementos formativos e experienciais desta ação.

Introdução e aportes teóricos

Segundo o dicionário Aurélio, inclusão significa “ato ou efeito de incluir”. Em se tratando de educação inclusiva, Sánchez (1996) afirma que:

É uma atitude, um sistema de valores, de crenças, não uma ação nem um conjunto de ações. Centra-se, pois, em como apoiar as qualidades e as necessidades de cada aluno e de todos os alunos na comunidade escolar, para que se sintam bem-vindos, seguros e alcancem êxitos. (p. 27).

Apesar de ser bastante amplo, o termo Inclusão Escolar é comumente utilizado para se referir à inclusão de pessoas com deficiência, de qualquer tipo, nos espaços escolares. Entretanto, a Inclusão Escolar não se limita apenas às pessoas com deficiência, mas corresponde a oportunidade de ensino-aprendizagem para todas as pessoas, sem distinção de cor, etnia, classe social, gênero, sexualidade, ou ainda, condições físicas e psicológicas, afinal “o princípio fundamental da educação inclusiva é a valorização da diversidade e da comunidade humana” (KUNC, 1992, p. 2).

A inclusão deve ser realizada respeitando-se, sobretudo, o ser humano; logo, deve-se levar em conta que suas especificidades não podem ser tomadas como barreiras e impedimentos para seu convívio, participação, aprendizagem, socialização, autoestima e realização; é preciso vencer resistências e preconceitos.

Nesse sentido, conforme o Portal da Educação (s/a):

[...]a inclusão depende da mudança de valores da sociedade e da vivência de um novo paradigma que não se faz com simples recomendações técnicas, como se fossem receitas de bolo, mas com reflexões dos professores, direções, pais, alunos e comunidade.

Todavia, considerando-se as diferenças, esse assunto não é simples, mas um desafio à realidade escolar e acadêmica. Neste sentido, especificamente na formação inicial de professores, tem-se a noção de que este busque novas metodologias, avaliações, pesquisas e leituras; dialogar com a turma no intuito de proporcionar ao aluno diferente um ambiente inclusivo, no qual se sinta aceito e respeitado pelos colegas é o principal ponto a ser construído na formação do professor, pois, para Paulo Freire (1996, p. 35), “ensinar exige risco aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”.

Rodrigues e Rodrigues (2011, p. 49) asseguram:

Durante a vida profissional de um professor existem momentos de aprendizagem que têm uma influência direta na qualidade do seu ensino. No entanto, muitos professores afirmam que não foi a sua educação formal como professores que mais influenciou as mudanças mais importantes na sua carreira. A prática reflexiva, o trabalho cooperativo, a inclusão num projeto da Escola ou da comunidade, são exemplos citados como experiências que desempenham um papel decisivo nas competências e atitudes face à profissão. Existem, no entanto, muitos professores que identificam a formação inicial ou em serviço como decisivas para o desenvolvimento das suas atitudes e competências como profissionais. A formação inicial de professores é um período crítico e, sem dúvida, importante para a ocorrência destas mudanças. O período da formação inicial de professores é decisivo para adquirir e mudar um largo conjunto de práticas e valores.

Neste sentido, o presente trabalho apresenta uma sondagem realizada à luz das visões de alunos de Licenciatura em Química acerca da inclusão, sombreando-as com visões de alunos da Educação Básica, a fim de perceber quais os impactos existentes na formação inicial de professores que se referem a mudanças de conceitos e preceitos sobre o ato de inclusão. Ressalva-se que, de um lado, há concepções de professores em formação inicial que buscam atuar como formadores e, do outro, concepções de alunos que estão se inserindo no mercado de trabalho ao saírem do Ensino Médio.

Este trabalho é extremamente necessário na medida em que se entende que a inclusão é um grande desafio na vivência escolar e, também, na formação docente, pois ao tocante no Ensino da Química não é habitual a discussão sobre a temática em sala de aula da Educação Básica ou em sala de aula da Educação Superior (OLIVEIRA; BENITE, 2015, p. 459). É evidente que as universidades precisam preparar melhor os licenciandos para que, ao se depararem com esta questão na realidade escolar, estejam mais aptos a resolver qualquer tipo de incidente.

Além deste fato, é importante a reflexão das falhas do ensino superior na formação dos licenciandos, pois é um papel das universidades formar os futuros profissionais para sua atuação docente; Radmann e Pastoriza (2016, p. 6) reiteram que “licenciandos dos cursos de biologia, física e química não se sentem preparados para tal experiência pelo fato de não terem disciplinas nos currículos que os preparassem para a educação inclusiva”, afirmando que esta falta de preparo reflete na escola, em suas atuações na Educação Básica e na inserção dos alunos de inclusão.

Desse modo, a qualificação ideal do professor deve estar fundamentada na superação da racionalidade técnica (SCHÖN, 1998) e baseada em princípios de

investigação e reflexão (SCHÖN, 1997). O fortalecimento da educação, como um todo, se dará pela convicção de que os próprios professores podem desenvolver novas alternativas e competências para atender à diversidade de alunos que lhe são confiados.

Metodologia

A atividade foi desenvolvida com 5 graduandos em Licenciatura em Química, durante uma aula de Estágio Curricular Supervisionado IV, de uma universidade comunitário de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre, e com 10 alunos da Educação Básica, durante uma aula de Química Orgânica na terceira série do Ensino Médio, de uma escola pública estadual do município de São Leopoldo, também da região metropolitana de Porto Alegre, capital do Estado gaúcho.

Para a coleta de dados, tanto na Educação Superior quanto na Básica, utilizou-se um questionário aberto contendo cinco questões discursivas, uma vez que o questionário é empregado como um método de entender “opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc” (GIL, 1999, p. 128). Deste questionário, apresentam-se três questões neste artigo como parte integrante da pesquisa, sendo estas analisadas e interpretadas à luz de teóricos da área e expressos por meio do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) for Windows.

Enfatiza-se que o questionário foi utilizado como uma forma de fazer com que os alunos da Educação Superior debatessem e refletissem sobre os artigos lidos no decorrer da semana, enquanto que para os alunos da Educação Básica o objetivo foi instigá-los a pensar e refletir sobre suas próprias ações, investigando ações sobre a temática na própria instituição em que periodicamente frequentam.

Assim, a aplicação do questionário na graduação ocorreu após os alunos terem lido artigos científicos referentes à temática; na Educação Básica, o questionário foi aplicado após os alunos solicitarem uma atividade diferenciada. Em ambos os casos, o aluno respondeu o questionário sem identificação, além de não poder, durante a constituição das respostas, consultar nenhum tipo de material.

Resultados e discussão

O questionário aplicado aos 5 alunos da Educação Superior, sendo 2 meninos e 3 meninas, foi o mesmo aplicado aos 10 alunos da Educação Básica, sendo 4 meninos e 6 meninas. Para a apresentação dos dados abaixo, suas identidades, de acordo com o Comitê de Ética, foram resguardadas; logo, quando se faz menção a colocação/resposta dos graduandos usou-se Educação Superior, enquanto que para alunos do Ensino Médio usou-se Educação Básica.

Ao tocante, como o objetivo do trabalho é entender a diferença de concepções entre os alunos da Educação Superior e dos alunos da Educação Básica quando a questão de inclusão, os dados abaixo apresentados são extensivos a amostra total de alunos da Educação Superior e da Educação Básica; logo, entende-se que quando se apresenta respostas dos alunos da Educação Básica refere-se aos 10 alunos, e da Educação Superior aos 5 alunos.

A primeira questão disponibilizada no questionário foi: *O que é inclusão?* Para melhor entender as colocações dos alunos, fez-se a tabela 1 que se apresenta

empiricamente as colocações dos sujeitos. É importante lembrar que todas as respostas dadas pelos graduandos estão embasadas nos textos que eles leram.

Tabela 1 – Palavras-chave que representam as colocações dos sujeitos sobre o que é inclusão

Educação Superior	<ul style="list-style-type: none">- é dar a oportunidade de um aluno com qualquer deficiência ter as mesmas experiências que o aluno dito normal, adaptando-as a sua necessidade;- <i>é o ato de o outro (dito diferente) se sentir incluso no meio escolar e aprender com suas especificidades;</i>- colocar em um meio todo e qualquer mecanismo que auxilie pessoas com dificuldades, sejam mentais, físicas ou psicológicas;- é a interação ou integração de pessoas com deficiência;- é a socialização de uma determinada pessoas que tenha algum tipo de deficiência; esta pessoa é integrada com pessoas “normais”.
Educação Básica	<ul style="list-style-type: none">- <i>é a capacidade de incluir em um grupo, ser aceito, independente de sua cor, raça, etc.;</i>- não sei;- é a socialização de pessoas com problemas;- <i>é saber acolher, numa determinada situação, grupo ou na sociedade, todas as pessoas, indiferente da sua origem ou dificuldade; incluir a pessoa no meio em que se está vivendo;</i>- é introduzir alguém no meio social;- depende de como, se for na sociedade temos que incluir todos as nossas ideias e nos incluir em tudo;- incluir alguém ou algo em específico em um determinado espaço;- <i>ajudar pessoas diferentes na sociedade;</i>- <i>ser incluído na sociedade;</i>- incluir algo ou alguém em alguma coisa;- <i>incluir todos, independentemente de cor, raça, sexualidade, gênero; ser tratado normalmente na sociedade.</i>

Fonte: os autores, 2018.

Para analisar a tabela acima, grifou-se algumas passagens dos alunos de ambos os níveis de educação. Destaca-se que as colocações dos alunos da Educação Superior, com exceção da escrita grifada, vão ao encontro de que inclusão é incluir alguém com deficiência. Este conceito, apesar de ser fortemente proliferado nas diferentes esferas sociais, é minimizador da real ideia do que é incluir; afinal, é dever da escola incluir alunos, indiferente de ter ou não algum tipo de deficiência; ofertar-se os melhores serviços possíveis a todos (VILELA, 2010).

Além disto, de acordo com os autores Ainscow e Ferreira (2003), citado em Rodrigues (2003), a inclusão é um processo de dispor-se; apoiar a Educação para Todos, ou seja, para qualquer sujeito do mundo. Esta ideia, agregada as colocações dos sujeitos, parece estar firme nas concepções dos alunos da Educação Básica, pois àquelas grifadas, com maior percentual, estão ao encontro de que a inclusão se refere a agregação de quaisquer pessoas à escola, dando-lhes a oportunidade de aprender e desenvolver-se enquanto cidadão; alguns alunos apontam a ideia de ser incluído.

Entende-se que a inclusão é possibilitar o acesso à educação de qualquer pessoa, dando-lhe oportunidade e espaço de forma igual e diferenciada. De acordo com Lopes e Sil (2005, p. 2985), esta promoção de igualdade de oportunidade de acesso e de sucesso somente ocorre com “a participação de todos e o respeito pela diversidade individual e cultural dos alunos, através da inclusão na escola, bem

como da inclusão da escola no meio local, permitirá uma intervenção integrada, no sentido da elevação do nível educativo”.

A segunda questão presente no questionário solicitava aos sujeitos para que elucidassem, a partir do que determinavam por inclusão, exemplos de inclusão. Para esta questão, devido à extensão do texto, optou-se em apresentar em palavras-chave a colocação dos sujeitos e, quando estas são repetidas, colocou-se a quantidade de alunos que as pontuaram ao lado. Analise a tabela 2.

Tabela 2: Exemplos de inclusão para os sujeitos

Educação Superior	Banheiros e atividades adaptadas; Todas as pessoas; Rampas e interpretes; Surdos; Inserir pessoas deficientes em escolas e empresas.
Educação Básica	Pessoas negras e vulneráveis; Pessoas com síndrome e cadeirantes; Deficientes e ricos; Pessoas diferentes; Cegos e cadeirantes; Não sei – 2 alunos; Nós – 4 alunos; Qualquer pessoa fora do padrão determinado socialmente.

Fonte: os autores, 2018.

Ao observar a tabela acima, percebe-se que os alunos da Educação Básica tiveram um entendimento mais significativo quanto a ideia de exemplos de inclusão, pois tratam sobre qualquer tipo de pessoa, indiferente de etnia, cor ou estatua social. Diferentemente, os alunos da Educação Superior retratam, com exceção de dois deles, mecanismos que favorecem a inclusão de pessoas em meios sociais, como é o caso dos banheiros e das rampas de acesso.

Assim, ressalva-se que exemplos de inclusão estão ao encontro das palavras, mais uma vez, dos alunos da Educação Básica, pois referem-se a pessoas negras e vulneráveis, ricas, diferentes, cadeirantes e, dentre outros, eles mesmos. Assim, também, é a ideia de uma escola inclusiva nas colocações de autores como Rodrigues (2006) e Sanches (2001), pois no movimento da escola inclusiva, estes autores defendem que todos os sujeitos, indiferente de possuírem ou não graves deficiências e incapacidades, devem ser inseridos na escola regular, certas às suas necessidades específicas.

Para a última questão deste artigo, optou-se em fazer a apresentação das colocações dos sujeitos por meio do software wordclouds¹, o qual as apresenta em forma de nuvem de palavras. Basicamente, o software é um site que permite criar nuvem de palavras utilizando diversas formas e imagens para enriquecer sua apresentação. Além de ser gratuito e permitir o usuário importar palavras de links da Internet, documentos PDF ou do MS Office, o Wordclouds permite salvar as nuvens criadas em PNG, PDF e SVG.

Uma nuvem de palavra nada mais é que um recurso que apresenta, em tamanhos diferentes, as palavras que remetem a concepção dos sujeitos em relação

¹Link disponível para acessar o software: <https://www.wordclouds.com/>

38° EDEQ

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

a inclusão. Abaixo apresenta-se a nuvem de palavra referente a questão: *Aponte as 8 primeiras palavras que lhe vem à cabeça quando você ouve a palavra inclusão.*

As nuvens apresentadas abaixo, figuras 1 e 2, além de serem extensíveis a totalidade dos sujeitos, são um recurso gráfico que foi utilizado para descrever as palavras mais pontuadas pelos sujeitos; o tamanho da palavra é uma função de frequência de aparecimento nas escrituras; palavras mais frequentes são desenhadas em fontes de tamanho maior; logo, as menores são aquelas que se apresentam com menor frequência. Observe as imagens 1 e 2.

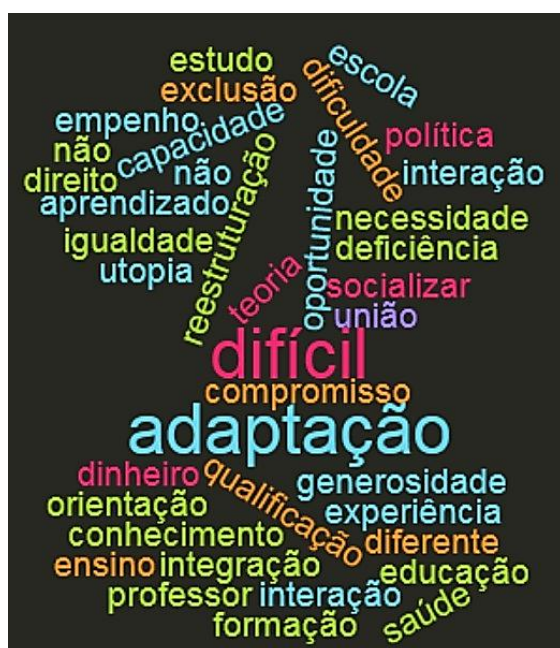


Figura 1: Nuvem de palavras referente às colocações da Educação Superior.
Fonte: os autores, 2018.

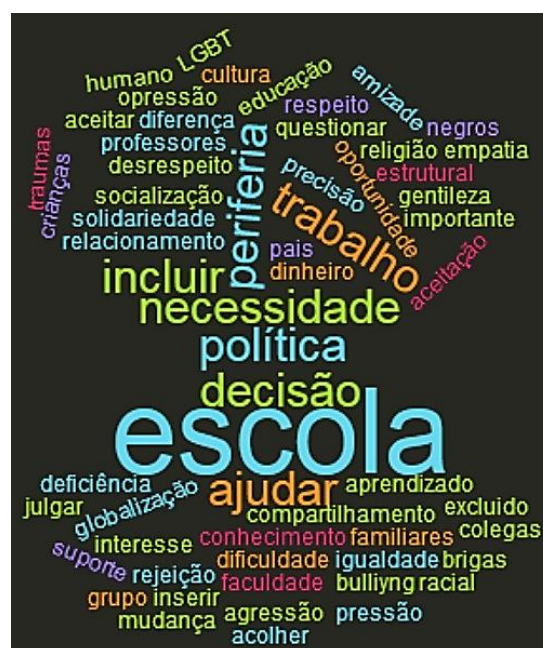


Figura 2: Nuvem de palavras referente às colocações da Educação Básica.
Fonte: os autores, 2018.

Ao observar as duas nuvens de palavras, percebe-se que para a Educação Superior a palavra com maior destaque, àquela que apareceu em maior frequência, é a ideia de adaptação, aqui derivando as concepções de que a escola deve adaptar-se a inserir o aluno dentro do seu meio. É interessante resgatar a ideia de que em todas as respostas estes alunos apontam a inclusão como um meio de inserir pessoas com deficiência, deixando implícito a concepção de que adaptação é direcionado a este público. Na sequência, percebe-se a palavra difícil, fortalecendo as raízes de que a inclusão é para deficientes.

Isto, em se tratando de professores em formação, principalmente àqueles cursando a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado IV, é uma significativa deficiência, pois estão saindo da universidade com um pensamento fechado em relação a temática em questão. Afinal, em se tratando do ensino de química, incluir é um desafio constante, já que a disciplina apresenta uma função da abstração do conhecimento relevante; logo, necessita-se uma preocupação com “as ferramentas de linguagem e os modelos didáticos que contemplem a compreensão” (RADMANN; PASTORIZA, 2016, p. 2) de qualquer aluno. Este problema da Educação Superior pode estar atrelado às concepções de Oliveira e Benite (2015, p. 459), pois ajuíza

que “não é usual a discussão a respeito da inclusão, seja em aulas da Educação Básica, seja na Educação Superior voltada à formação de professores de química”.

Ainda, ressalva-se que as Diretrizes para a formação de professores da educação básica (BRASIL, 2000) chama a atenção de o professor em relação ao foco de sua profissão, cujo é direcionado à compreensão da educação para a cidadania. Dentre as conjecturas para a prática do professor está: “assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os alunos” (BRASIL, 2000, p. 5). Ou seja, educar com e para a diversidade implica na ação docente de considerar cada aluno como único ou, como contempla Leite (2004, p. 136) “que seu aluno, como qualquer aluno, independente das necessidades especiais que apresente ou da modalidade de ensino que frequente, possui um conjunto de peculiaridades que o torna indivíduo, pertencente à mesma espécie, porém distinto dos demais”.

Assim, diante do divulgado, parece que os alunos da Educação Básica, em relação a esta temática, apresentam uma concepção mais organizada sobre a inclusão, talvez porque os alunos da Educação Superior tenham lido artigos que contemplassem metodologias de ensino vinculadas a aprendizagem do aluno com algum tipo de deficiência; logo, os alunos da Educação Superior deixaram-se levar pela leitura, respondendo o questionário com base no que haviam refletido.

Contudo, é necessário ressaltar que é preciso que estes professores tenham uma visão mais exacerbada e centrada sobre a temática, não contemplando o ato de incluir apenas para as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, mas enfatizando práticas pedagógicas e metodologias de ensino que favoreçam as singularidades e especificidades destas pessoas, pois, de acordo com Glat e Nogueira (2002, apud GONÇALVES et al., 2013, p. 265) apesar da existência de políticas para a educação inclusiva, o sistema regular de ensino brasileiro parece estar programado para atender ao aluno ideal, aquele com um desenvolvimento psicolinguístico exemplar, motivado para aprender e sem problema sociofamiliar.

Conclusão

Na perspectiva de que a inclusão se torne uma realidade na sociedade tanto no discurso quanto nas ações, é indispensável que sejam superadas uma série de barreiras e preconceitos, além de políticas e práticas pedagógicas que precisam ser revistas e, por fim, mas não menos importante, as formações docentes inicial e continuada, também, necessitam ocorrer de forma mais significativa no que tange esse assunto.

As grades curriculares dos cursos de graduação precisam incluir disciplinas que abordem a diversidade, as deficiências, síndromes e transtornos em si, bem como fazer os futuros professores refletirem mais sobre metodologias e práticas que possam ser adotadas para efetivamente incluir todos os alunos, além de trabalhar os conteúdos das disciplinas, em especial a de Química, de forma com que todos possam compreendê-la e usufruí-la.

Além disto, quanto aos futuros professores, sujeitos deste estudo, percebe-se a necessidade de uma capacitação e/ou aperfeiçoamento quanto as concepções do que é inclusão e como trabalha-la, uma vez que, de acordo com o exposto neste artigo, há um déficit de compreensão destes em relação as práticas e preceitos da temática; percebeu-se que os sujeitos não possuem elementos formativos e

experienciais de boas condições para sentirem-se seguros e capacitados para essa ação.

Ademais, tem-se que a escola da Educação Básica donde derivaram os sujeitos deste estudo é inclusiva, assim como há professor/professores que trabalham significativamente a temática. Afinal, uma escola inclusiva não é aquela que, apenas, oferta um estudo de qualidade há pessoas com deficiência, mas àquela que permite que qualquer tipo de sujeito, dentro de suas especificidades e singularidades, consiga aprender e tornar-se cidadão de valor, ética e criticidade diante da sociedade.

Referências bibliográficas

AINSCOW, M.; FERREIRA, W. Compreendendo a Educação inclusiva: algumas reflexões sobre experiências internacionais. In. RODRIGUES, D. **Perspectivas sobre inclusão: da educação à sociedade**. Porto: Porto Editora, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica em cursos de nível superior**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

Dicionário Aurélio. **Inclusão**. Disponível em:
<<https://dicionariodoaurelio.com/inclusao>>. Acessado em: 20 jun. 2018

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLAT, R.; NOGUEIRA, M. L. L. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. **Integração**, v. 24, p. 22-27, 2002.

GONÇALVES, F. P. et al. A Educação Inclusiva na Formação de Professores e no Ensino de Química: A Deficiência Visual em Debate. **Quím. nova esc.** – São Paulo-SP. v. 35, n. 4, p. 264-271, NOVEMBRO, 2013.

KUNC, N. **Na administrators guide to creating heterogeneous schools**. Baltimore: Paul H. Brookes. 1992.

LEITE, L. P. Educador especial: reflexões e críticas sobre sua prática pedagógica. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 10, n. 2, p. 131-142, 2004.

OLIVEIRA, W. D.; BENITE, A. M. C. Aulas de ciências para surdos: estudos sobre a produção do discurso de intérpretes de LIBRAS e professores de Ciências. **Ciênc.Educ**, Bauru, Belo Horizonte. v. 21 p.457-472, 2015.

Portal da Educação. **Inclusão Escolar: Um desafio entre o ideal e o real**. Disponível em:

<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/inclusao-escolar-um-desafio-entre-o-ideal-e-o-real/2284>>. Acessado em: 20 jun. 2018

RADMANN, T.; PASTORIZA, B. S. Educação Inclusiva no ensino de Química. In: **XVIII Encontro Nacional de Ensino de Química (XVIII ENEQ)**. Florianópolis, SC, Brasil – 25 a 28 de julho de 2016.

Os saberes docentes
na contemporaneidade:
perspectivas e desafios
na/pela profissão

18 e 19 de outubro de 2018, Canoas/RS

38° EDEQ

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

RODRIGUES, D. **Inclusão e educação doze olhares sobre a educação inclusiva.** São Paulo: Summus, 2006.

SÁNCHEZ, P. A. **Las escuelas son para todos.** 2 ed. Madrid: Siglo Cero. 1996.